

O HOMOEROTISMO NA LITERATURA INFANTIL: ANÁLISE E REFLEXÕES SOBRE AS HISTÓRIAS NÃO CONTADAS NA HORA DO CONTO

José Francisco Duran Vieira

Universidade Federal de Pelotas – jf.duran1963@gmail.com.

Resumo

Esta pesquisa descreve e problematiza a existência de Literatura Infantil com tema homoerótico para crianças de zero a cinco anos de idade em obras publicadas no Brasil. Adquiriu-se um total de 42 publicações nacionais e estrangeiras cujo tema era o homoerotismo. Para a realização desta pesquisa utiliza-se os conceitos de diferença numa abordagem pós-estruturalista na intenção de fazer aproximações com o pensamento de Michel Foucault e outros autores. Também, se busca nos Estudos Culturais respaldo para compreender a pluralidade sexual que hoje se vivencia, bem como seus enfrentamentos sociais, morais, religiosos, políticos e culturais. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo amparada no método da Análise de Conteúdo.

Palavras-chave: Literatura Infantil, Homoerotismo, Educação.

Introdução

Esta pesquisa aborda sobre a existência de Literatura Infantil Homoerótica para a infância. A pesquisa limitou-se à faixa etária de zero a cinco anos de idade. A utilização da Literatura Infantil como instrumento para viabilizar e estimular a interdisciplinaridade para explorar conceitos matemáticos nas aulas de Didática de Matemática no Curso Normal aproximou-me dessa literatura, especificamente daquelas obras que abordavam as diferenças e as questões de gênero. Mas, para minha surpresa, não encontrava literaturas que envolvesse a temática homoerótica, principalmente, direcionadas para crianças bem pequenas. Onde estão as obras brasileiras que abordam a temática homoerótica para crianças pequenas, particularmente para a faixa etária de zero a cinco anos de idade, e de que forma ela é apresentada nessas publicações? Elas existem? Se existem, por que o acesso é tão difícil? Por que o governo federal, quando seleciona livros para distribuir às escolas públicas através do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE, não contempla obras com temas que abordem o homoerotismo? Mobilizado por essas questões e perplexo em perceber que há um discurso de inclusão que reporta e mascara uma exclusão incontestável, interessei-me pela Literatura Homoerótica, principalmente para a faixa etária de zero a cinco anos de idade e que possibilitem desde a infância o conhecimento de outras formas de amar, de constituir família etc., contribuindo para que não se perpetuem desde cedo sentimentos homófobos em futuros adultos. Os objetivos desta pesquisa foram: analisar as publicações e compreender como essas literaturas transitam não só no meio social, mas principalmente na educação.

Estratégias metodológicas

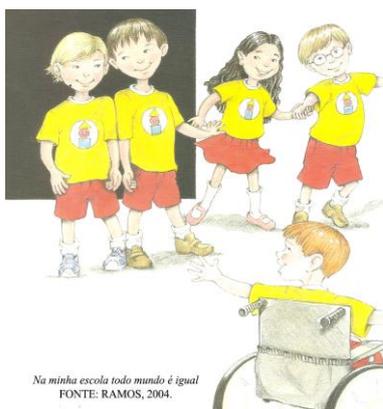
Procurei através do *site* de busca do *Google* obras de Literatura Infantil que tratassem da temática homoerótica em suas histórias. O acesso a essas informações disponibilizadas pelo *Google*, me levaram a outros endereços eletrônicos, principalmente de livrarias *online* que dispunham de edições que eu não encontraria normalmente em livrarias físicas. Na segunda etapa, foram adquiridos os exemplares, independentemente do país de origem, dando sempre preferência às publicações nacionais. Na terceira etapa, as obras encontradas, em um total de 42 livros, foram agrupadas mediante os seguintes critérios: título do livro, o autor, ano de publicação, país, editora, ideia principal da história. Concomitantemente, organizou-se as 22 obras encontradas que foram publicadas no Brasil. Dessas 22 edições foram consideradas apenas as publicações que eram de autores brasileiros, das quais sobraram 18 exemplares. A quarta etapa, seguiu os critérios que devem compor uma edição destinada especificamente ao público infantil, tais como o número de páginas, a forma de endereçamento dos textos (curtos, sucintos, objetivos), as ilustrações e a categoria literária para a qual se destina a obra. Essa etapa definiu o número final de livros que foram analisados. Desta forma, cheguei a um número final de seis livros. Diante dessas seis obras selecionadas as enquadro dentro de algumas categorias essenciais para serem avaliadas, tais como: obras apenas de autores brasileiros e editados no Brasil; temas adequados para a faixa etária de zero a cinco anos de idade; história e textos contextualizados, curtos, sucintos e objetivos; ilustrações adequadas para a infância; estereótipos dos personagens; mensagem transmitida pela história – ‘ação benéfica’ e quantidade de páginas. Essas categorias foram essenciais para determinar a existência ou não de obras direcionadas para a infância, principalmente nas edições nacionais. Também analiso como foram fotografados os personagens envolvidos no contexto em que transcorre a história, isto é, se a história não acaba reprisando trejeitos heteronormativos ou de caráter compensatórios para que os personagens sejam aceitos, e se as publicações eram adequadas para o público infantil com gravuras, textos e números de páginas apropriados a crianças de 0 a 5 anos. Nessas edições, alicerçado principalmente nas teorias de Butler (2016), Louro (2014), Foucault (2008) e citações de outros autores relevantes a pesquisa, busco tecer como esses personagens são apresentados ao leitor. Analiso como essas publicações nacionais trazem a temática homossexual para as crianças bem pequenas e como essas histórias são contadas, de que forma essas ilustrações contextualizam o conto, que mensagem elas propõem e como essa editoração assume o assunto.

Da magia à realidade: nem tudo é um faz de conta na Literatura Infantil Homoerótica Brasileira

Analiso a seguir, as seis obras selecionadas e busco alicerçar-me nos Estudos Culturais na perspectiva de realizar uma análise crítica sobre os discursos expressos nessas literaturas, de forma a ressignificar “uma forma de abordagem do campo pedagógico em que questões como cultura, identidade, discurso e representações passam a ocupar, de forma articulada, o primeiro plano da cena pedagógica” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 54). Paralelamente a essa reflexão, mergulho numa constante crítica da crítica - a hipercrítica proposta por Veiga-Neto. Ancorado à hipercrítica e ao método da Análise de Conteúdo (AC), ensaio a todo momento, durante as análises das seis literaturas selecionadas, um exaustivo exercício, como se refere Veiga-Neto (2012, p. 269-273), na “metáfora da casa”, de “ir aos porões” e adentrar nos contos de forma a sondar, escavar, “o mais cuidadosa e intensamente possível, pois, apesar de escuro, ele guarda os arquétipos que, sem sabermos que são construções contingentes, tomamos como verdades necessárias”. Concomitantemente, investigo e problematizo a editoração e as ilustrações que são apresentadas, verificando se essas publicações se aproximam ou não da infância.

Apresentarei as edições mantendo o critério do ano de publicação das obras, portanto, a ordem é a seguinte: *Na minha escola todo mundo é igual* (2004), *Cada família é de um jeito* (2006), *Eu tenho duas mães* (2010), *Meu nome social é Dulce Maria, A menina e o jogo de bola e Um menino meio assim* (2015).

No livro *Na minha escola todo mundo é igual*, de Rossana Ramos, na página 16,



encontra-se uma citação referente à orientação sexual nos seguintes versos: “*Tem um que a gente sabe / Que gosta do outro igual / E daí, qual é o problema? / O que importa é ser legal*”. A autora traça de forma poética e rimada toda sua obra de forma simples e contextualizada com a história e com as imagens. A obra tem 20 páginas, desenhos bem coloridos e grandes, que ocupam muito bem as páginas do livro.

Apresenta um bom tamanho para as crianças manusearem e é feito de material aparentemente resistente. A história contempla uma diversidade de diferenças, não centrando a atenção nos dois meninos apresentados como homossexuais. Os textos curtos com versos rimados. A maioria das crianças usam um mesmo uniforme escolar, não dando ênfase à nenhuma vestimenta pré-estabelecida que pudesse ser estereotipada de

alguma forma, principalmente os dois meninos mostrado como *gays*. Eles estão posicionados um encostado ao outro, desde o pé até a cabeça. Existe um singelo olhar entre eles, mas como pode ser visto, não estão de mãos dadas, mas sugere através de uma sutileza um carinho a mais no ar. A autora consegue transmitir isso sem fazer muito “alarde” para quem está lendo a história de uma maneira a tocar no assunto sem chamar a atenção. Foi essa forma – tanto textual como na ilustração – que ela usou para demonstrar a orientação sexual desses dois meninos. Em contrapartida, na página oito encontra-se um garoto e uma garota cadeirantes beijando-se na boca. Pode-se observar também que os dois garotos apresentados como *gays*, estão totalmente integrados na história e não são utilizados no enredo para provar nada para os outros personagens, muito menos para fazer uma ‘ação benéfica’ a fim de serem aceitos pelos outros colegas na escola. O final da história termina com os versos: “*Aqui vai um belo conselho / Que só leva um segundo: / Quem não respeita o outro / Não tem lugar neste mundo*”.

A obra de Aline Abreu, *Cada família é de um jeito*, trata de vários tipos de formação familiar. A história inicia na terceira página e já no começo mostra duas famílias compostas



por pessoas do mesmo sexo: “*Família, não tem duas iguais. / Tem família com duas mães e / família com dois pais*“. O livro tem bom tamanho para manuseio, é bem colorido e ilustrado pela própria autora. Os textos são curtos e rimados, sempre contextualizados com o assunto. O tema do conto é a família e é somente nesse momento que a história se refere a esses casais. Por se tratar de formação familiar, não existe uma ‘ação benéfica’ que alguns dos personagens devam realizar para serem aceitos. Como podemos observar na imagem, as famílias ilustradas que têm dois pais ou duas mães são apresentadas por um estereótipo definido pela autora, sendo que aparece apenas o rosto das duas mães. A identidade estigmatizada é determinada pelo certo afeto mostrado entre os casais e a criança de alguns meses no colo. A única visibilidade posta na página traz a questão de famílias homoparentais, uma construção identitária pensada pela autora da obra, na qual a marcação da diferença “ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença” (WOODWARD, 2014, p 40). Então, as frases ditas, as cores utilizadas, as ilustrações e estereótipos pensados nessa única página que mostra as relações homoeróticas são artefatos que potencializam outras

tantas páginas, outras tantas coisas que deixaram de ser faladas e mostradas.

Continuando a análise, no livro *Eu tenho duas mães*, de Márcio Martelli, a história é praticamente desenrolada por três personagens: dois adultos e uma criança. Os textos são



curtos em versos rimados. O livro também possui bom tamanho, com 24 páginas com boa qualidade para folhar. As imagens são grandes e uma das mães é afrodescendente. O livro relata a história de um menino que conta a história do cotidiano familiar. Através dos versos

escritos na página cinco, subentendemos que o menino foi adotado: “*A princípio, não entendi nadica de nada / Até achei meio gozado e estranho: / Enquanto algumas crianças são desprezadas, / Eu ganhei um amor de mãe deste tamanho!*” Podemos inferir, através de algumas frases ditas pelo garoto, que os três formam uma família e as duas mães são um casal lésbico. Isso subentendemos, pois no decorrer da história as duas mães não demonstram explicitamente nenhum gesto de carinho entre as duas, nem nas ilustrações, nem no texto. Como o livro também é direcionado para o público infantil, essa informação não é muito clara, falta informação visual ou textual para crianças menores reconhecerem que existe entre as duas mães um relacionamento afetivo. Só dizer que o menino tem duas mães já basta para que o relacionamento entre as mulheres seja compreendido? Por que isso não é mais explícito?

Quando as mães são mostradas de corpo inteiro, percebemos que elas estão sempre de calça, inclusive o outro casal de “lésbicas” que aparece no final do conto também usam calças, cabelos presos, roupas simples que cobrem grande parte do corpo etc., quase as masculinizando. Isso foi premeditado pelo autor? Ou é um pré-conceito estereotipado por ele? Poderia existir uma intenção subjetiva? Qual foi a escolha do autor pela performatividade de gênero que representariam as mães no conto? Como inter-relacionou essa performatividade e a materialização dos personagens? O que está sendo problematizado é o predomínio na caracterização de todos os personagens retratados, praticamente, da mesma forma durante toda a história. A história apresenta uma composição de família com hábitos muito parecidos com os de casais héteros. Não é relatado se as mães têm alguma profissão, se trabalham. O enredo mostra as vivências do dia a dia do casal de mulheres que são zelosas, dão carinho para o filho e cuidam de sua saúde, alimentação e lazer, característica de uma

heteronormatividade. Dessa forma, a heteronormatividade entra no intuito de instaurar uma conversão social e cultural entre gênero, sexo e desejo/práticas dentro de um sistema social e cultural que reforça e evidencia a aceitabilidade de alguns sujeitos e não outros, de algumas relações e não outras. Essa concepção heteronormativa neutraliza identidades aceitáveis culturalmente, acrescida por uma perspectiva de transformar um homossexual “potencialmente perigoso” para o “potencialmente saudável”, isto é, um sujeito socialmente correto, desprendido da visão patologizante. Sendo assim, institui-se uma imagem de um “homossexual saudável” e a transcreve nos padrões heteronormativos. Como o enredo mostra o convívio harmônico entre o casal e a criança adotiva, a história não apresenta nenhuma ‘ação benéfica’ dos personagens para serem aceitos. Na última frase da história, o autor faz uma citação referindo-se a Deus: “*Por isso sou um menino alto-astral, / Trago no peito o orgulho de um filho fiel, / Pois ter duas mães é mais do que legal / E só posso agradecer a Deus, / Nosso Papai do Céu*”. Qual o significado dessa expressão religiosa no final da história e em um livro de Literatura Infantil abordando uma família homoparental? É o fruto da forte religiosidade brasileira? Como isso chega ao ouvinte e/ou leitor do conto? Seria uma estratégia do autor? Ou influência de uma “heteronormatividade religiosa”? Ou até mesmo o proselitismo impondo a norma nas relações homossexuais, num esforço de aceitação social e ratificação da homoafetividade?

Os outros três livros selecionados para a análise - *Meu nome social é Dulce Maria, A menina e o jogo de bola* e *Um menino meio assim*, são da mesma autora, Rosângela Trajano.



Meu nome social é Dulce Maria é o primeiro da coleção, os textos não são curtos, em algumas páginas excedem para uma faixa etária menor que cinco anos, pois acabam em certos momentos alongando-se com detalhes e explanações sobre os acontecimentos da história. Mesmo assim, o

livro poderia ser utilizado para crianças dentro dessa faixa etária. Quando Dulce Maria, no início da história, adentra na sala de aula de sua escola, causa uma certa polêmica e indagação: “Seria homem ou mulher?”. Que papel ela estaria exercendo socialmente?

Como narra a história, quando Dulce Maria se olhava no espelho, “*era como se aquele corpo de menino não combinasse com a sua alma de menina*”. E esse corpo era alvo de todos os tipos de análises e comentários. “*Dulce Maria tem doença de ser menino que quer ser*

menina sem nunca poder”. “*Você tem pinto?*” “*Você nem é menino nem é menina! Você não é nada!*” Como frisa Louro (2013, p. 51), esses indivíduos não procuram ser admitidos, integralizados e muito menos categorizados dentro de uma sociedade heteronormativa, o que eles almejam “é romper com uma lógica que, a favor ou contra, continua se remetendo, sempre, à identidade central. Assumem-se como estranhos, esquisitos, excêntricos, e assim querem viver”. Dulce, durante a narrativa, busca de todas as formas ter direito a usar seu nome social e ser respeitada. A história salienta que a escola aceitou que ela o usasse. O livro, com 28 páginas, traz uma diversidade de pontos que polemizam uma complexidade de temas no transcorrer da leitura, talvez não ao alcance de crianças bem pequenas. Mas Dulce Maria, com a ajuda de um amigo que a compreendeu e respeitou suas diferenças, começou a conquistar as meninas e os meninos da escola. Dulce era boa em matemática. “*Ela sabia bem de matemática e começou a ajudar a todos que tiravam notas baixas*”. De certa maneira, essa ‘ação benéfica’ entra para regular a aceitação das diferenças desses sujeitos que teimam em se desviar.

A história *A menina e o jogo de bola*, de 24 páginas, relata uma menina que adora



brincar de bola. “*O dia mais feliz da sua vida foi quando ganhou de presente de aniversário uma bola de futebol!*” Além das questões de gênero trazido pela autora, o brinquedo suscita, tensiona e indaga o leitor e/ou o ouvinte. O conto fomenta reflexões a respeito de quem pode brincar com o

quê. Tenta desconstruir tradicionalmente as práticas de que menina brinca de boneca e menino brinca de carrinho. O gosto e o hábito de brincar de bola e socializar-se com outros meninos transborda o cotidiano da menina na mais pura felicidade. “*Quando pegava na bola esquecia a fome, a tristeza e o medo do bicho-papão!*”. Nessa segunda obra, a condição sexual da personagem principal está atrelada pelo gosto “incomum” de uma menina jogar bola. Esse gosto pela bola dá todo o sentido ao enredo. São pertinentes as indagações de Finco (2003, p. 97) quando questiona sobre as possibilidades de existirem brinquedos “certos” e “errados” para cada sexo. “Qual o significado de se destinar alguns tipos de brinquedos para meninas e outros para meninos? O que estamos proporcionando para as crianças com essa categorização?”

É jogando bola com seus coleguinhas que a menina interage com toda a comunidade. Ela é apresentada para o leitor sempre utilizando camiseta e calção. Não só o brinquedo está

pautado em coisas ditas do “universo masculino”, mas todo o estereótipo e o trejeito também. No final da história a menina sofre um acidente e machuca o dedão do pé, tendo que ficar em casa alguns dias para se recuperar enquanto observa da janela de seu quarto os coleguinhas jogarem bola. O conto finaliza com a menina adormecida tendo um sonho em que aparece com uma coroa na cabeça: “*E como não podia jogar, sonhava ser princesa!*”.

A leitura sugere pensar sobre gênero e os papéis que a sociedade impõe a cada um deles. Traz à tona a discussão desse enquadramento de sujeitos, de corpos que tendem a “escapar” e a “se afastar” do contexto, possibilitando um afrouxamento do mecanismo de controle e, com ele, uma nova trajetória de comoção. Na história, a menina não realiza nenhuma ‘ação benéfica’ que privilegiasse a sua inclusão no grupo de meninos. A propaganda da norma é invisível, habilidosa, agrega incessantemente esses corpos que teimam em fugir dela. O processo de normalização é maldoso, travestido e silencioso. O livro não traz explicitamente a discussão sobre a orientação sexual da menina, apesar de vincular o debate sobre as questões de gênero materializadas pela bola. Porém, o final da história, remete para o sonho heteronormatizado imposto a todas as meninas, ou seja, ser princesa!

O livro, *Um menino meio assim* traz para o contexto do conto coisas ditas



pertencentes ao “universo feminino” e o brinquedo como instrumento para questionar a identidade de gênero do personagem principal da história. Em nenhum momento a questão da identidade de gênero é objetivada claramente na história. O livro acaba sendo, entre os três, o

mais propício para crianças de menor idade, pois além de ser bem colorido, a autora deu preferência a textos mais curtos e de simples entendimento para uma faixa etária pequena. Além de relacionar brinquedos socialmente vinculados às meninas, o conto atribui ao menino medos, manhas e trejeitos “afeminados”: ele balança o pezinho, põe as mãos na cintura, tem voz fina, chora por qualquer coisa e tem medo de bichos. Anteriormente, nem se pensava em uma literatura na qual a criança fosse colocada como um ser complexo, muito menos individualizado. Podemos observar que são obras como essas que fomentam uma literatura autônoma, “livre de utilitarismos, pragmatizações, didatismo e doutrinações, seja política, religiosa, moral etc.” (AGUIAR, 2005, p. 109). O menino é apresentado para o leitor sempre usando o mesmo traje: uma blusa e uma calça azul de tons diferentes. Mas como diz a história “*ao abrir o guarda-roupas da irmã, tirava lá de dentro saias e blusas. Vestia tudo e fazia*

pose diante do espelho”.

O que marca ainda mais a diferença no visual do personagem é o uso de dois “rabicós” em formatos de flor na cabeça, do início ao fim da história. Um dia, os pais tomaram um susto: *“pintou as unhas de vermelho e foi para a mesa jantar”*. Preocupados e horrorizados com o jeito de menina do filho, *“o pai trançou-o no quarto escuro por vários dias”*. Isolado nesse quarto sombrio, *“o menino sonhou com um príncipe, em um cavalo branco, tirando-o dali”*. Corpos que anseiam serem soltos e livres, corpos que falam, corpos desejosos de respostas ainda não ditas, corpos à procura de uma identidade, copos desestabilizados pela globalização que produzem. E essas desconhecidas e desafiadoras identidades, além de serem “desestabilizadas”, também podem ser “desestabilizadoras”. A maneira que o pai encontrou de “educar” esse corpo que desafia e “foge” da normatização foi isolá-lo socialmente. O castigo entra como artifício disciplinar corretivo. Segundo Foucault (2008, p. 143), a função maior da punição é adestrar esses corpos, ou seja, “adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor”. A visibilidade do próprio menino tornou-se sua armadilha. Em seus sonhos, o único que podia salvá-lo era um príncipe montado num cavalo branco. Vigiar e adestrar seus trejeitos não teve jeito. E *“Ele continuou parecendo uma menina”*. Mas no final, *“mostrou a todo mundo ser um menino como todos queriam, e pegou na mão da menina mais bonita da escola”*. Neste terceiro volume, podemos perceber que o personagem “ousa” muito mais. O menino permite-se “experimentar” uma gama de sentimentos, prazeres e vivências e compartilhar isso com os outros, mesmo tendo passado pelo “exercício do castigo” (FOUCAULT, 2008, p. 150). Os corpos sempre serão políticos. Contudo, o final é sugestivo e intrigante. As interpretações são as mais diversas possíveis. Mas o interessante é perceber que as “reticências morais” (COLOMER, 2003, p. 269) ainda continuam longe de desaparecer, principalmente quando atreladas ao tema das sexualidades. Não existe uma ‘ação benéfica’ na história para o menino ser aceito, mas ele alcança o objetivo que todos almejavam: pegar na mão da menina mais bonita da escola. Novamente, o personagem ousado e performativo é inscrito dentro dos padrões heteronormativos para ser aceito.

Considerações finais: uma história ainda a ser contada

De acordo com que foi encontrado nas leituras que embasaram esta pesquisa, não posso, infelizmente, afirmar que o final é totalmente feliz. Ainda há muita história a ser contada, porém para que isso possa acontecer, antes de mais nada é preciso que exista um início. É necessário que o movimento de escrita sobre temas pouco discutidos continue e que

a sociedade tenha acesso a elas. Podemos ainda continuar a viver nesse conto de fadas quando se trata das sexualidades, especificamente, do homoerotismo na infância? Com certeza não: nem nos contos e nem na vida real.

Os discursos que transcendem entre o indivíduo homossexual e a normalidade perpassam além dos estereótipos construídos e pelas relações de poder. Decorrentes de vertentes socioculturais com perspectivas e ambivalências que transgridem limites, o ser humano se sujeita a tolerar o Outro dentro de normas estabelecidas, muitas vezes de forma discriminatória, racista e de intencionalidades equivocadas de eugenia, estabelecendo um “estado” de poder de massa, manipulado geralmente por uma mídia tendenciosa e excludente. Por dentro dessa mídia – e não poderia ser diferente – encontra-se a Literatura Infantil, principalmente a literatura homoerótica para a infância. Como demonstra a presente pesquisa, ela é rara, quase inexistente – se for considerar os dados fornecidos pelas fichas catalográficas – e, de certa forma, se “traveste” em comportamentos cotidianos heterossexuais para ser socialmente aceita. Muitas das edições trazem o tema por dentro do contexto de família, mostrando configurações familiares entre pessoas do mesmo sexo e suas vivências são narradas por crianças adotivas. Em outras publicações, as histórias se mostraram mascaradas por subterfúgios atrelados a comportamentos binários de gênero macho/fêmea – masculino/feminino, suas narrativas relacionam o personagem do conto a artefatos ditos e associados a coisas que pertencem a homens e coisas que pertencem a mulheres. Quando se envolve crianças como personagens nos contos e utiliza-se desses artifícios, deve-se repensar como elas se envolveram na história e de que forma esses objetos entraram no enredo. Uma questão é problematizar sobre a pertinência ou não desses artefatos ao universo feminino ou masculino. Outra é trazer para o leitor personagens que fogem dos trejeitos normativos e propor uma história que discuta essas diferentes identidades.

Ficou claro nesta pesquisa a necessidade de enquadrar esses sujeitos dentro dos padrões normativos hegemônicos. Não tive a pretensão de enumerar todas as publicações estrangeiras e muito menos as nacionais envolvendo a temática homoerótica para a infância. A pesquisa coletou dados que contribuem para pensar e refletir sobre as potencialidades que o tema pode proporcionar no combate, desde a infância, desse sentimento homóforo que cerca a humanidade, tornando-a cúmplice e geradora de inúmeros sentimentos violentos que só ajudam a aumentar os dados estatísticos sobre violências, muitas delas, fatais. Por esse motivo, me reporto novamente ao termo que utilizei nesta pesquisa e reafirmo que considero a escassez desse tipo de literatura uma ausência social. A escassez das edições, principalmente

de livros nacionais de autores brasileiros que tratem do assunto para crianças bem pequenas, ficou evidente. A dificuldade em encontrá-las somada à difícil tarefa de realizar o crivo necessário para chegar às seis obras designadas ao público infantil, tornou ainda mais complexa a realização desta pesquisa e estreitou significativamente o número de exemplares. Percebemos que a pressão comercial e o *marketing* depositam no meio mercadológico um poder de persuasão que induz o público a adquirir mercadorias que, muitas vezes, não são aquelas que deseja, devido à falta de informações do produto, dados desconhecidos ou mesmo a tentativa de confundir intencionalmente o leitor. Isso causou um transtorno muito grande no instante de peneirar esses dados e, especialmente, encontrar edições brasileira que tratassem do homoerotismo dentro da faixa etária específica da pesquisa.

Alguns dados coletados contribuem para pensar e, principalmente, problematizar como esses sujeitos são representados e retratados nessas obras, como foram concebidos e em que ambiente foi proposto o desenrolar das histórias. Constatamos ainda a necessidade de explorar o assunto de todas as formas sem subterfúgios ou enquadramentos heteronormativos, contextualizando o homoerotismo de forma afirmativa sem conceitos ou opiniões pré-determinadas que acabam ajudando a construir e nutrir, desde cedo, sentimentos homofóbicos. É indiscutível que, para a comunidade LGBT, haja um avanço nos lançamentos de literaturas que tratem da temática, independentemente para qual faixa etária se destine, mas ficou evidente que é necessário e urgente repensar e problematizar a ausência dessas edições, especialmente as destinadas às crianças bem pequenas. Outra constatação, não menos importante e crucial para o movimento LGBT, é a forma distorcida como estão ocorrendo os registros nas fichas catalográficas no momento da editoração das obras pelas editoras. Vale ressaltar, que algumas obras encontradas datam de épocas nas quais ainda não eram pertinentes as discussões sobre gênero, identidade, diferença etc., e que essas discussões não tinham influência no momento da editoração. Portanto, registrar na ficha catalográfica o tema que a obra aborda, no momento da catalogação, deve ser repensado no intuito de representar e dar visibilidade a todos esses sujeitos.

A escola tem um papel importante nessa construção para o reconhecimento da diversidade e do respeito às diferenças. E a Educação Infantil não fica fora disso. É preciso quebrar algumas barreiras, padrões e estereótipos que, desde cedo, aniquilam a singularidade, em que o correto é todo mundo parecido, desejosos das mesmas coisas etc. As questões de gênero, identidade de gênero, formas de amar, concepção familiar etc. são temáticas que podem ser exploradas desde a infância, sobretudo, no ambiente escolar. A Literatura Infantil

pode ser o caminho para viabilizar esse debate, contando, narrando, provocando, opinando e refletindo sobre o assunto. Contudo, apesar de essas histórias ainda não serem contadas, acredito que haverá um final feliz.

Referências

AGUIAR, Luiz A. Uma literatura & seu leitor! In. OLIVEIRA, Ieda. (Org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?: com a palavra, o escritor**. São Paulo: DCL, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2016.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil**. São Paulo: Global, 2003.

COSTA, Marisa V.; SILVEIRA, Rosa H.; SOMMER, Luis H. Estudos Culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 38, maio/jun./jul./ago. 2003.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na escola infantil. **Pro-Posições**, v. 14, n. 3 (42), set./dez. 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LOURO, Guacira L. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira. L.; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

VEIGA-NETO, Alfredo. É preciso ir aos porões. **Revista Brasileira de Educação**. v. 17, n. 50, mio-ago. 2012.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.